

PRAGMATISMO OU EMANCIPAÇÃO? UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CENTRO-OESTE

Eixo 2 – Formação e Desenvolvimento Profissional

Kharen Paes de Albuquerque¹⁶

Carla Martielle Alvicio Nantes Mendes¹⁷

Hellen Jaqueline Marques¹⁸

Resumo

Este artigo discute a necessidade de ampliar as pesquisas sobre formação de professores fundamentadas no materialismo histórico-dialético e analisa suas contribuições para a emancipação humana. Metodologicamente, articula pesquisa bibliográfica e análise dos referenciais teóricos de teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação em Educação das universidades federais da região Centro-Oeste, entre 2022 e 2025. Os resultados evidenciam a reduzida presença do materialismo histórico-dialético e a predominância de referenciais vinculados às pedagogias do aprender a aprender. Defende-se que o método materialista histórico-dialético possibilita uma compreensão crítica da realidade social e dos fundamentos científicos da educação, enquanto perspectivas hegemônicas tendem à fragmentação do conhecimento. Conclui-se que o fortalecimento de referenciais críticos na formação de professores é condição importante para a transformação social e a emancipação humana.

Palavras-chave: Materialismo Histórico-Dialético; Formação de Professores; Emancipação Humana.

Introdução

O cenário que a educação enfrenta, no que diz respeito aos aspectos teóricos e metodológicos no campo da formação de professores, é de lutas e contradições estruturais na sociedade capitalista. Os embates perpassam os objetivos da formação, o papel do professor e da educação escolar, os conteúdos do ensino, as estratégias para a aprendizagem e as avaliações. Neste contexto de disputas, podemos afirmar que há um posicionamento hegemônico que nos guia por um caminho tortuoso e alienante. Haja visto que, nas últimas décadas, as reformas educacionais se alinham ao posicionamento neoliberal, com discursos ditos inovadores que, em suma, reforçam teorias pedagógicas pragmatistas, como as pedagogias do “aprender a aprender” (Duarte, 2001; 2003. Saviani, 2013).

As pedagogias do aprender a aprender são teorias fundamentadas no pós-modernismo, com a centralidade no subjetivismo e na construção individual do conhecimento. Entretanto, tais perspectivas possuem como destaque a fragmentação dos saberes, desvalorizando a ciência, a arte e a filosofia no âmbito da produção social, histórica e coletiva. Como consequência, vemos os processos de formação humana afastando-se cada vez mais de uma compreensão crítica da realidade,

¹⁶ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: kharen.albuquerque@ufms.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7441542180265876>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7283-5081>. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE/UFMS).

¹⁷ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: carla.martielle@ufms.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5585897143943261>; Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9088-9988>. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE/UFMS).

¹⁸ Doutora em Educação Escolar. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS), Brasil. E-mail: hellen.marques@ufms.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8896009283894233>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1146-2801>. Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE/UFMS).

desconsiderando a categoria da totalidade, da dialética e da contradição, visto que os conhecimentos são relativos, individualizados e pretensamente neutros (Duarte, 2001)

Diante desse contexto, de intensas disputas teóricas e reformistas, somos levados a refletir sobre o cenário ideológico das teorias hegemônicas, que abordam os aspectos mais superficiais da educação. Como nos traz Duarte (2003), essas teorias possuem um caráter adaptativo, com a função de fazer os educadores conhecerem a realidade social não para transformá-la, mas para entender quais “competências” ela está exigindo dos indivíduos.

Assim, observamos uma crise cada vez mais acentuada e com intencionalidade oriunda das teorias dominantes, que estão longe de se debruçar sobre a apreensão dos aspectos da realidade para além dos fenômenos aparentes – função essa que caberia à ciência. Porém, ao realizarmos e nos apropriarmos de pesquisas sem um viés crítico, estamos fadados a cair na superficialidade do irracionalismo, com a ausência objetiva da verdade e a relativização da compreensão da realidade.

A formação de professores, nesse contexto, se apresenta como um campo atravessado por projetos pedagógicos em disputa: de um lado, projetos adaptativos e hegemônicos que buscam adequar a escola aos imperativos da sociedade capitalista; de outro, projetos críticos que reivindicam uma educação comprometida com a transformação social e com a emancipação humana. Esses movimentos fragilizam a apreensão do real. Duarte (2003) também nos alerta para movimentos assim, ao tratar de certas “metodologias qualitativas” na pesquisa em educação que, sob a influência do ideário pós-moderno, tendem a negar a possibilidade de compreensão do todo.

Essas metodologias, ao se limitarem ao micro, ao caso isolado ou ao particular transformado em única instância real, pouco ou nada acrescentam à compreensão do concreto. Essa fragmentação impede uma visão articulada do todo, pois o singular só pode ser compreendido em sua riqueza quando visto como parte das relações que o compõem Duarte (2001; 2003); Saviani (2013). Do mesmo modo, segundo Tonet (2004), o pluralismo metodológico e o avanço do irracionalismo comprometem a construção de um conhecimento crítico e consistente ameaçando a própria construção de um conhecimento científico consistente e socialmente comprometido.

Em oposição a este contexto, torna-se necessário uma ciência fundamentada em métodos que não se limitem à aparência imediata dos fenômenos, mas que busquem apreender suas determinações mais profundas. Pensar no rigor metodológico é compreender que “o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto” (Netto, 2011, p. 22). Por isso, o rigor metodológico, fundamentado na concepção marxiana de ciência, é condição potencial para a superação das superficialidades das teorias hegemônicas e para a apreensão das determinações essenciais da realidade educacional. Isso implica assumir a totalidade e a contradição como princípios de análise e reconhecer a centralidade do trabalho como categoria fundante do ser social (Lukács, 2018; Saviani, 2013).

O materialismo histórico-dialético surge com Karl Marx na tentativa de entender os complexos sociais a partir da construção do ser humano como ser histórico, ou seja, determinado pelas possibilidades concretas de cada formação social. Como afirma Netto (2011), com base no próprio Marx, “A superação da pré-história da humanidade será uma construção consciente ou não será.”, desta forma, o caminho para a emancipação humana deve ter um papel consciente e dialogar com a práxis, pois, o movimento histórico não acontece de maneira determinada e posta, mas entre um processo dialético e contraditório.

Neste debate, a categoria da “emancipação humana” assume um papel central que, conforme Marx (2008), refere-se à superação das condições materiais de exploração e alienação. Nesse sentido, a formação docente deve ser compreendida como uma mediação necessária no processo de apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos, condição indispensável para a construção de uma sociedade emancipada (Saviani, 2015; Duarte, 2021).

Assim, para compreender os aspectos fundamentais do ser social é necessário investigar, antes de tudo, sua categoria fundante e sua natureza considerando as múltiplas determinações que o constituem. Do contrário, corre-se o risco de substituir a realidade por vontades e anseios subjetivos — ou seja, de cair em idealismos. Neste caso, “idealismo” refere-se a uma concepção que fantasia a realidade, que a representa de forma dissociada de suas determinações concretas, tornando-nos, assim, alienados em relação a ela. (Netto, 2011)

Este artigo tem como objetivos discutir e evidenciar a necessidade de ampliar as pesquisas científicas no campo da formação de professores que se fundamentam no materialismo histórico-dialético. Além disso, propõe-se refletir sobre as contribuições desse método para o processo de emancipação humana, especialmente diante da predominância das teorias do “aprender a aprender” no campo da educação.

Trata-se de um estudo teórico, ancorado na perspectiva do materialismo histórico-dialético, com base em análise bibliográfica de obras de referência e do levantamento da produção de teses e dissertações acerca da formação de professores na região Centro-Oeste, considerando o período pós-pandemia (2022 a 2025). A metodologia adotada permite fundamentar criticamente a investigação e compreender a realidade educacional a partir de uma visão dialética, integral e transformadora.

A atualidade das pesquisas sobre a formação docente na região Centro-Oeste (2022 a 2025)

A discussão em torno das pesquisas na área da formação de professores não se encontra separada da totalidade social; ao contrário, está profundamente imbricada nas múltiplas relações que envolvem dimensões econômicas, sociais, científicas e culturais. Um dos sinais mais evidentes dessa vinculação é que boa parte das investigações teóricas vêm sendo conduzidas a partir de perspectivas hegemônicas, em especial aquelas associadas às chamadas pedagogias do “aprender a aprender” (Saviani, 2013; Duarte, 2001; Marques, 2008). Essas abordagens tendem a valorizar a prática cotidiana em detrimento da análise teórica rigorosa e da compreensão crítica da realidade.

Tais concepções promovem uma leitura fragmentada do real, desconsiderando seu caráter histórico e negando elementos essenciais da produção científica, como a objetividade, a racionalidade e a busca de princípios universais (Marques, 2008). Ao concentrarem-se apenas nos fenômenos imediatos e aparentes, reduzem o papel da ciência a descrições superficiais do cotidiano, esvaziando sua função de revelar as contradições estruturantes da sociedade. Como resultado, acabam por fortalecer mecanismos de reprodução da ordem vigente e dificultam a consolidação de uma formação docente voltada para a transformação social e para a emancipação humana.

No intuito de compreender as tendências e referenciais teóricos que vêm orientando as pesquisas acerca da formação de professores na atualidade, tornou-se fundamental realizar um mapeamento das produções acadêmicas recentes. Para realizar o levantamento da produção de teses e dissertações, foi escolhida a região Centro-Oeste, com o objetivo de identificar as principais fundamentações teóricas presentes em pesquisas sobre a formação de professores. O recorte temporal definido abrange o período de 2022 a 2025, considerando o contexto pós-pandêmico, momento em que as aulas presenciais foram retomadas nas universidades. A coleta dos dados foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando-se os seguintes descritores: "formação docente" OR "formação de professores" OR "formação continuada" OR "formação inicial" AND "Centro-oeste" OR "Centro oeste".

Inicialmente, foram identificadas um total de 2.006 produções, sendo 1.356 dissertações e 650 teses. Desse total, apenas 168 estudos eram de instituições de ensino superior da região Centro-Oeste, e, dentre eles, apenas 111 abordavam especificamente a temática da formação de professores (com base nos títulos e nas palavras-chave), conforme apresentado no quadro abaixo:

Tabela 1 – Relação de produções encontradas no Centro-Oeste (2022-2025)

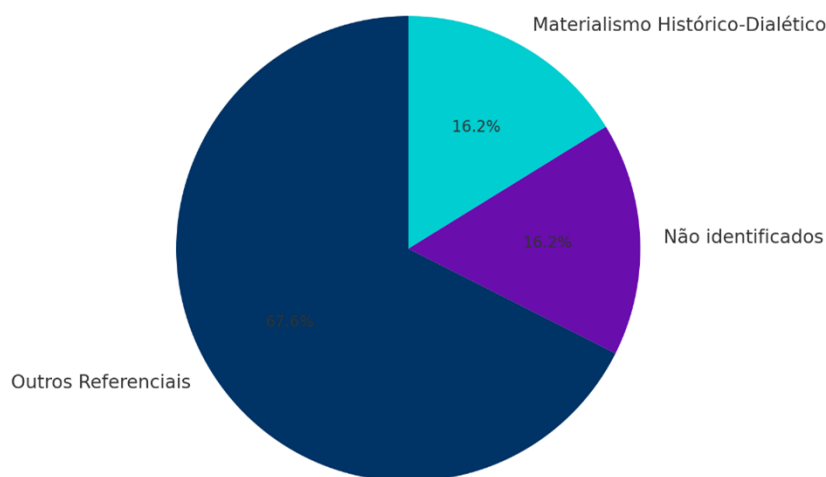
IE	SEM FILTRO	RELAÇÃO COM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNB	50	33
UFMS	32	27
UFMT	24	16
UFG	24	12
KROTON	6	4
UEG	14	8
UFGD	8	6
UCB	5	2
PUC-GOÍAS	4	3

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Após essa primeira análise, realizou-se uma leitura mais aprofundada dos resumos, com o objetivo de identificar os referenciais teóricos utilizados nas produções. Além disso, buscou-se comparar quais pesquisas se baseiam no método do materialismo histórico-dialético, para compreender a realidade de sua expressividade nas pesquisas, e quais se apoiam nas chamadas “pedagogias do aprender a aprender”, considerando o recorte previamente definido.

Dessa forma, entre as 111 produções que abordavam a formação de professores, 18 indicavam, explicitamente, em seus resumos, a utilização do método do materialismo histórico-dialético; 18 não mencionam quais fundamentações teóricas haviam sido empregadas; 75 utilizavam outros referenciais teóricos, dentre eles os que se apoiavam em autores como Nóvoa, Tardif, Schön, Freire, conforme ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Referenciais teóricos nas produções analisadas (2022-2025)



Fonte: Elaboração própria, 2025.

O levantamento evidencia que, dentre as produções analisadas, apenas 16,2% estão fundamentadas no método do materialismo histórico-dialético. Esse dado revela que diversas teorias não críticas ainda ocupam posição de destaque nas análises acadêmicas da região Centro-Oeste. O que, por sua vez, revela uma limitação no campo da pesquisa científica, pois, tendem a reproduzir

perspectivas teóricas que permanecem na superficialidade das questões educacionais mais emergentes, desconsiderando possíveis mediações históricas e sociais na direção da emancipação humana. Diante disso, torna-se essencial reafirmar a importância de compreender a formação de professores para além das aparências imediatas, compreendendo a necessidade da transformação social.

Neste sentido, cabe ressaltar que este tipo de levantamento não apenas sinaliza as principais vertentes teóricas que balizam a produção acadêmica regional, mas também evidencia possíveis lacunas e desafios enfrentados no campo da formação docente, sobretudo diante das transformações impostas pela pandemia da Covid-19. Ao analisar criticamente esse cenário, torna-se possível identificar tanto avanços quanto resistências presentes nas práticas formativas, contribuindo para o aprofundamento do debate sobre a formação de professores — o que é essencial para o enfrentamento aos processos de alienação e dominação na educação contemporânea.

A formação de professores e a emancipação humana: limites e possibilidades

O debate acerca das pesquisas no campo da formação de professores caminha, como afirmado anteriormente, não descolado da totalidade social, mas atrelado às sínteses das relações entre as condições econômicas, sociais, científicas e demais determinações. Sendo assim, depreende-se que o caminho das pesquisas teóricas tem sido predominantemente disseminado pelas teorias do “aprender a aprender” (Saviani, 2013; Duarte, 2001), com uma valorização da prática cotidiana em detrimento do conhecimento teórico.

Essa lógica se manifesta também no campo da pesquisa em educação, onde o avanço do ecletismo e do pluralismo metodológico – fenômenos analisados criticamente por Ivo Tonet (2004; 2005) – compromete a construção de um conhecimento consistente, historicamente situado e socialmente comprometido. O irracionalismo, ao negar a possibilidade de apreender a realidade objetiva, enfraquece o potencial crítico da investigação educacional, confinando-a a descrições parciais e desarticuladas da totalidade social. Como alerta Karel Kosik (1976), ao se limitar ao imediato, corre-se o risco de confundir aparência com essência, perdendo de vista o movimento real que estrutura o objeto.

Isso nos mostra como essas teorias fragmentam a realidade e negam a razão, bem como a existência de uma verdade objetiva e universal. Como citado anteriormente, muitas delas tendem a aparentar “neutralidade”, mas os aspectos ideológicos já discutidos estão presentes, de forma implícita ou explícita. Dessa forma, voltam-se para o campo da superficialidade, sem uma visão crítica e transformadora da realidade; ao contrário, promovem apenas uma perspectiva de adaptação e continuidade da sociedade vigente.

Um dos maiores problemas que perpassam estas perspectivas está no fato de homogeneizar a ciência, ou seja, perde-se de vista que a ciência está organizada em diferentes vertentes teóricas, com diferentes projetos de pesquisa. O que vale dizer com objetivos, concepções de mundo, conhecimento, pesquisa e formação, por vezes antagônicos. Ao desconsiderar esta importante questão no debate epistemológico entre as ciências, os autores que partem desta concepção de negação da ciência incorrem em um grave erro de não alertar seus leitores quanto aos abismos que separam inclusive no que pode ser considerado útil na e para a prática nas diferentes concepções do que é e para que serve a ciência na sociedade hodierna, e que cada qual, de acordo com suas premissas, têm seus objetivos quanto a atividade de pesquisa e teorização. (Marques, 2008, p.85-86).

Um dos apontamentos limitantes que essas teorias trazem perpassa pelo esvaziamento da ciência, revelando uma realidade alienante e acrítica – tanto no âmbito da formação acadêmica quanto

no processo da educação escolar. Quando analisamos para além da aparência imediata, é na escola que os filhos da classe trabalhadora deveriam ter acesso ao que há de mais elevado no campo dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos. “A escola do trabalhador, quando se esvazia de cientificidade, de conhecimento científico, cria a impossibilidade de conhecer e compreender a realidade em sua totalidade” (Marques, 2008). Embora contraditório, em uma sociedade marcada por desigualdades, o processo educativo possui um potencial transformador.

Para o materialismo histórico-dialético, a educação não está descolada da totalidade social. Sendo assim, os aspectos políticos, econômicos e sociais estão totalmente relacionados entre si e moldam a realidade concreta em que nos encontramos e, consequentemente, essas teorias dominantes que servem de base para a formação de professores não estão descoladas desse cenário (Saviani, 2015; Marx, 2008). Por isso, a ênfase na importância de compreendermos a realidade a partir da totalidade, dentro de um dado momento histórico.

Diante dessa situação, torna-se fundamental a retomada da centralidade do método científico na produção do conhecimento. Importante enfatizar: o método materialista histórico dialético não é neutro. Ao contrário, a elaboração das ideias sobre os fenômenos e aspectos do mundo real, pautam-se em determinadas concepções de ser humano, conhecimento e sociedade, que, por sua vez, precisam ser analisadas em seu contexto histórico-social, para além dos aspectos mais rasos da realidade. O que implica uma reflexão crítica e profunda dos processos e práticas que reproduzem as relações de desigualdade e de dominação na sociedade capitalista. Assim, para o materialismo histórico-dialético, a transformação da práxis é necessária.

Deste modo, é possível afirmar que, de fato, não existe neutralidade e a ação de pesquisa, em especial no campo da educação, representa, portanto, uma escolha epistemológica e política, pois, possibilita compreendê-la como prática social inserida na totalidade histórica, determinada por relações materiais e contraditórias (Netto, 2011; Marx, 2008).

Sendo assim, destacamos a pergunta: é possível, ainda nesta sociedade, uma formação de professores que caminhe para práticas de emancipação humana? Embora a presente pesquisa ainda esteja em andamento, é possível discutir elementos teóricos que nos permitam considerar essa possibilidade. Porém, é importante refletir e gerar o debate acerca do tema. Com base na teoria da Pedagogia Histórico-Crítica, fundamentada no materialismo histórico-dialético, busca-se compreender a educação escolar como ferramenta fundamental para a formação de sujeitos conscientes. Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de que:

[...] as novas gerações se apropriem das mais ricas e desenvolvidas produções no campo das ciências da natureza, das ciências da sociedade, da arte e da filosofia. E, mais do que isso, defende que esse conhecimento seja socializado, ou seja, que exista um sistema público de educação escolar que assegure que esse conhecimento deixe de ser propriedade de grupos elitizados e se incorpore à vida de todas as pessoas sem qualquer tipo de discriminação. (Duarte, 2021, p. 197).

Pensando nisso, a apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados torna-se urgente, para que possamos desenvolver nosso máximo potencial, aproveitando as diversas possibilidades que o ensino pode nos oferecer. Dessa forma, ao olharmos para a escola e sua potencialidade – enquanto professores – devemos compreender a importância que a educação possui para o desenvolvimento e o caminho de uma sociedade humanamente emancipada. “O que permite ao ser humano a construção de uma concepção de mundo que ultrapasse as aparências e busque a essência da realidade, ou seja, uma concepção de mundo emancipatória” (Marques, 2017). Trata-se de formar sujeitos capazes de compreender e intervir criticamente na realidade. Isso significa assumir a emancipação humana como horizonte ético-político da educação.

Em Karl Marx (2008), emancipação humana não se confunde com emancipação política ou com a ideia liberal de autonomia individual. Trata-se da superação das condições materiais de exploração e alienação, possibilitando que os indivíduos se tornem sujeitos de sua própria história. A formação de professores, nesse contexto, deve ser concebida como um ato político e pedagógico que potencializa a apropriação crítica dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos acumulados historicamente, tornando-os acessíveis a toda a classe trabalhadora (Duarte, 2021).

É importante salientar, mais uma vez, que a educação, por si só, não tem o papel de transformar a sociedade. Entrar nesse debate é fechar os olhos para a essência da realidade; em suma, é cair no idealismo. Por outro lado, pensar que ela não tem papel algum nesse processo é ignorar o movimento dialético e histórico no qual estamos inseridos. Por essa razão, o materialismo histórico-dialético, articulado aos fundamentos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica, sustenta uma teoria da educação pautada na transformação social e na emancipação humana. O desafio está em compreender a educação em sua função contraditória: ao mesmo tempo em que reproduz a ordem vigente, ela também pode criar condições para sua superação, desde que orientada por um projeto pedagógico (e de formação docente) comprometido com a emancipação humana.

Neste sentido, “neste movimento, de superação da espontaneidade cotidiana alienada, o ser humano se apropria de saberes que se integrarão à sua personalidade passando a ser elementos constitutivos da mesma, possibilitando a transformação da visão que o indivíduo tem do mundo (Marques, 2017)”, nos aproximando cada vez mais da essência da realidade universal e histórica. Um passo importante e potencial para o processo emancipatório e transformador. Mais uma vez: os acontecimentos não são determinados de maneira natural. É necessário que haja intencionalidade para que ocorra transformação. Como aponta Duarte (2001, p. 197-198), pautando-se de Marx:

Para que os seres humanos possam formar humanamente as circunstâncias que os formam, é preciso (...) conhecer essas circunstâncias e esse conhecimento não pode se limitar à superfície, às aparências, ao imediato do cotidiano, ele precisa ir aos processos que movem a realidade.

As apropriações individuais são apropriações sociais. Segundo Duarte (2013), é preciso articular as dimensões objetivas e subjetivas da formação humana, e elas sempre terão um fim social.

Por fim, uma visão crítica acerca das teorias hegemônicas e da pesquisa científica no campo educacional se faz necessária para a superação da situação atual da formação de professores. Torna-se mais do que urgente a apropriação dos saberes científicos que buscam apreender a realidade em seus aspectos mais essenciais, para além das aparências, compreendendo, dessa forma, os limites e as possibilidades que o trabalho educativo do professor possui no processo de emancipação humana.

Considerações Finais

Este artigo teve como propósito analisar criticamente a importância do Materialismo histórico-dialético como fundamento teórico-metodológico para a pesquisa em educação, com ênfase no campo da formação de professores. Ao longo da discussão, evidenciou-se que compreender a formação docente demanda uma leitura da realidade que ultrapasse o plano imediato dos fenômenos, permitindo apreender suas determinações históricas, sociais e políticas. Essa perspectiva implica reconhecer que a educação, longe de ser neutra, constitui-se como prática social situada no interior de projetos societários em disputa.

Ao analisar a prevalência das pedagogias do “aprender a aprender”, destacadas por Newton Duarte e Dermeval Saviani, constatou-se que tais abordagens, de caráter adaptativo e fragmentário, reduzem a função social da educação à reprodução da ordem vigente. Essas teorias, ao negarem a totalidade, a racionalidade e a objetividade, contribuem para o esvaziamento do conhecimento científico e para a consolidação de práticas docentes pouco comprometidas com a transformação

social. Em contraste, a perspectiva histórico-dialética – articulada à Pedagogia Histórico-Crítica – oferece instrumentos teóricos para desvelar as contradições estruturais da realidade educacional, possibilitando uma compreensão mais profunda de seus fundamentos e de suas mediações.

A análise também evidenciou que o método, na tradição marxiana, não é uma ferramenta neutra ou meramente técnica, mas carrega uma concepção de mundo. Como afirmam José Paulo Netto e Karl Marx, o conhecimento científico tem a função de ir além das aparências e alcançar a essência dos processos sociais. Nesse sentido, a adoção do materialismo histórico-dialético como base metodológica possibilita uma investigação rigorosa, capaz de articular teoria e prática e de compreender a formação de professores como um fenômeno inserido na totalidade social e histórica.

Os dados levantados sobre a produção acadêmica recente na região Centro-Oeste reforçam essa constatação. Apesar da diversidade de pesquisas sobre formação docente, apenas uma parcela reduzida das investigações se ancora em referenciais críticos, revelando a hegemonia de perspectivas não críticas e a necessidade de ampliar a presença de fundamentos teóricos que assumam a realidade em sua complexidade e contradições. Tal cenário reforça a urgência de fortalecer práticas investigativas comprometidas com a emancipação humana.

A categoria de “emancipação humana”, conforme formulada por Marx, perpassa toda a reflexão apresentada. Ela aponta para a superação das condições materiais de exploração e alienação, o que requer sujeitos historicamente conscientes e dotados de acesso ao conhecimento científico, artístico e filosófico acumulado. Nesse sentido, a formação de professores ocupa posição estratégica: ao mesmo tempo em que é atravessada por contradições, ela também constitui um espaço privilegiado para a construção de práticas transformadoras, articuladas a um projeto emancipatório de sociedade.

Conclui-se, assim, que discutir a formação docente a partir do materialismo histórico-dialético não significa apenas escolher um método, mas assumir um projeto político, ético e científico comprometido com a transformação social. É nesse horizonte que se insere a necessidade de aprofundar a apropriação crítica da pedagogia histórico-crítica, fortalecendo o papel da escola pública e da pesquisa educacional na luta pela emancipação humana. O debate não se encerra aqui; ao contrário, abre-se como um campo de disputa e de construção coletiva de caminhos que viabilizem novas possibilidades históricas.

Referências

ALBUQUERQUE, K. P. **Referenciais teóricos nas produções analisadas (2022-2025)**. 2025. 1 gráfico.

ALBUQUERQUE, K. P. **Relação de produções encontradas no Centro-Oeste (2022-2025)**. 2025. 1 quadro.

DUARTE, N. A pedagogia histórico-crítica e a formação da individualidade para si. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 5, n. 2, p. 59–72, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/gmed.v5i2.9699>. Acesso em: 15 out. 2025.

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos**: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo. Campinas: Autores Associados, 2021.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**: volume 14. Tradução de Sérgio Lessa; revisão de Mariana Andraus. Edição bilingue. Maceió: Coletivo Veredas, 2018. 1457 p.

MARQUES, H. J. **Concepção de mundo e formação de professores**: contribuições da pedagogia histórico-crítica. 2017. 220 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), Araraquara, 2017.

MARQUES, H. J. **Reflexão ou inflexão? A produção de conhecimentos sobre a formação de professores no Brasil**: a prática reflexiva em foco. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2008.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 268 p.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64 p.

PINTO, Á. V. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 537 p. (Pensamento crítico, v. 7).

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal**: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286–293, jan./jun. 2015.

TONET, I. A importância do método científico de Marx. In: ROSSI, R. (org.). **Clássicos metodológicos para a pesquisa em educação** [livro eletrônico]. 1. ed. Campo Grande, MS: Têlos Educativa, 2024. p. 61-76. Disponível em: PDF. ISBN 978-65-984614-1-6.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.